

## EXPECTATIVAS

Ele não era da minha classe, era apenas um colega da escola pública na cidadezinha do interior onde morávamos, um contemporâneo daquele tipo de educação que não existe mais, rígido, quase ditatorial que vigorava naqueles tempos. A gente se encontrava no pátio da escola e conversava bastante sobre a conquista do espaço, o campeonato de basquete, mas o que ele mais gostava de falar era sobre as meninas bonitas. Havia uma, que tinha sido “miss suéter” no ano anterior que dizia ser tão bonita “que cagava doce de leite”. Era um romântico, queria namorar e casar com uma mulher que fosse bonita, perfumada, companheira, que cuidasse das lides domésticas e dos filhos que queria ter, que fosse meiga e compreensiva. Na verdade, na época, o máximo que conseguia era falar essas coisas e atacar o famoso “cinco contra um”, nem chegava perto das meninas.

Quando foi embora estudar fora, eu fiquei, mas a gente ainda se reencontrava nos bailes e festas da moçada que permanecia na cidadezinha. Acho que era sociologia que ele estudava na universidade da cidade grande. No começo, sempre citava uma tal de Libelu, que nunca conheci, cheguei a pensar que era uma garota que ele queria namorar, só depois entendi que era um agrupamento político onde tinha conhecido uma menina que, diferente do que ele dizia antes, era feminista, libertária, autônoma, aprovava o sexo livre, o relacionamento aberto e nem se importava com família, religião ou filhos. Ele falava com orgulho dessas mudanças.

Formado, desapareceu por um bom tempo. Eu já não frequentava bailes ou festas, acabei encontrando-o muitos anos depois num supermercado da cidade acompanhando a mãe já idosa que fazia compras. Depois dos cumprimentos de praxe, conversamos como se não tivéssemos ficado anos sem nos ver. Perguntou de antigos colegas, o que faziam, como tinham se virado com a vida e, claro, perguntou das meninas bonitas da juventude. Ele voltou a dizer que tinha se casado duas vezes, sem filhos, as relações terminaram mal. Agora, ele estava em Trancoso na Bahia tentando um novo caminho, uma vida mais natural, tinha conhecido uma garota que era protótipo contemporâneo das ripongas, fumava maconha, não raspava as axilas e só comia umas folhas esquisitas, era vegana, vegetariana ou macrobiótica, não entendi bem.

Depois disso, nunca mais o vi. Até que, num sábado à tarde, fui ao velório de uma tia. Na sala ao lado, havia outra pessoa sendo velada, era a mãe dele. Reencontrei-o com os cabelos embranquecidos mas o mesmo jeitão da juventude, empertigado e falante. Depois dos pêsames e das lembranças esmaecidas conjuntas, perguntei como estava a vida, se tinha encontrado a companheira ideal. Ele foi curto, lacônico para seus padrões: “depois de tantas experiências na vida, entrando na velhice, cheguei a uma conclusão sobre relacionamentos, reduzi bastante minhas expectativas. Agora, só quero uma mulher que tenha bunda grande.”

Mauro Ferreira é arquiteto